

6

—

Arquivos Visíveis



*Eu sou Atlântica. Recortes de Beatriz do Nascimento.
Carolina Itzá*

Sobre os encontros, alegrias e descobertas de pesquisar nos arquivos da historiadora Beatriz Nascimento

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão sobre as condições atuais do arquivo Fundo Maria Beatriz Nascimento, localizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. As pesquisas realizadas no arquivo resultaram no livro *Beatriz Nascimento intelectual e quilombola: possibilidades nos dias de destruição*, publicado em 2019 pela União dos Coletivos Panafricanistas - UCPA. O livro é uma contribuição para a circulação da obra da autora entre as gerações negras mais jovens universitárias e/ou ativistas que não a conheciam.

PALAVRAS-CHAVE

Beatriz Nascimento. Historiadora. Intelectualidade negra. Memória Arquivo.

Raquel Barreto

Pesquisadora especialista na produção autoral de Angela Y. Davis (1944) e Lélia Gonzalez (1935-1994); Atualmente, cursa o Doutorado em História, desenvolvendo uma pesquisa a respeito do Partido dos Panteras Negras (1966-1974) e as relações entre visualidade, política e poder (na Universidade Federal Fluminense); Participou dos projetos de publicação independente dos livros de Lélia González e Beatriz Nascimento produzidos pela UCPA - União dos Coletivos Pan Afrikanos de São Paulo, em 2018; Prefaciou Angela Davis, uma autobiografia (Boitempo, 2019); raqbarreto@gmail.com

Encontros, descobertas, surpresas, aprendizagens, alegrias, aproximações e até afetos e saudade - de quem eu não conheci - traduzem o que vivenciei durante os meses de 2018 em que pesquisei no acervo de Beatriz do Nascimento (1942-1995), depositado no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

Beatriz foi historiadora, pesquisadora, escritora, professora e uma referência indispensável para a militância do movimento negro brasileiro contemporâneo, no período de sua rearticulação, no início da década de 1970. Um de seus trabalhos mais conhecidas foi o documentário *ORI* (1989), de Rachel Gerber, em que participou no roteiro e na narração, sendo possível vê-la em algumas cenas.

Em 1975, junto com a antropóloga Marlene Cunha, Beatriz criou o Grupo de Trabalho André Rebouças, possivelmente o primeiro coletivo formado por estudantes universitários/as e pesquisadores/as negros/as no país, na Universidade Federal Fluminense. As atividades do GT eram acadêmicas, nelas se apresentavam pesquisas a respeito das relações raciais, educação, cultura negra, história e temáticas afins.

Foi notável o fato de ambas confrontarem o mito da democracia racial dentro do espaço universitário. Além de bastante corajoso elas abordaram publicamente essas questões em um período no qual se cerceavam tais debates. Lembrando que discutir o racismo poderia ser punido pela Lei de Segurança Nacional (setembro de 1969, Artigo 39, parágrafo VI), imposta pela Ditadura Militar (1964-1985), que considerava crime o incitamento “Ao ódio ou à discriminação racial”. Na prática, essa lei era usada, corrosivamente, contra quem denunciasse o racismo, por ser considerado incitador do ódio racial.

BEATRIZ, A HISTORIADORA

Para se ter uma ideia de quão precursora foi sua produção intelectual, já em 1974, em seu artigo *Por uma história do homem negro*, na Revista Cultural Vozes, um importante periódico de circulação nacional, ela tencionava e denunciava o racismo em uma época em que as discussões ainda eram tímidas e acreditava-se, enfaticamente, no mito da democracia racial.

Uma questão orientou suas pesquisas: evidenciar como historicamente homens e mulheres negras fizeram esforços contínuos de humanização em contextos brutais tal qual a escravidão. Para ela, a busca por territórios e formação de quilombos no período colonial representava a procura de um espaço de existência em liberdade em um contexto de privação total da liberdade.

O estudo pioneiro sobre os quilombos no Brasil foi seu tema central de pesquisa e pelo qual é conhecida. Desenvolveu outras temáticas, entre elas uma reflexão bastante inovadora a respeito dos processos de formação da subjetividade de homens e de mulheres negras em contextos de racialização.

Empregou ferramentas metodológicas e perspectivas conceituais inovadoras, que foram consequência de um trabalho sério, consistente e de fôlego, pautado em estudos e investigações.

O FUNDO MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

Em junho de 1999, quatro anos após a partida de Beatriz Nascimento, sua filha, Betânia Nascimento Freitas, depositou seu acervo no Arquivo Nacional, criando, assim, o Fundo Maria Beatriz Nascimento.



Contracapa para o livro Cambalhota, de Sílvio Diogo. Carolina Itzá

Sua atitude foi generosa e respeitável, o que, desafortunadamente, não é a regra. É recorrente que acervos de interesse público fiquem nas mãos de particulares que, em muitos casos, definem quem pode ou não acessá-los. Pela relevância, pioneirismo e importância pública de suas pesquisas, era realmente necessário que seus arquivos estivessem depositados em uma instituição pública para poder ser consultado.

O acesso ao acervo é mediado pelo *Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento* que informa como ele está organizado, quais são os documentos disponíveis e sua localização. Ademais, o acervo foi elaborado pelo pesquisador Wagner Vinhas, que durante sua pesquisa de doutorado sobre a historiadora no Arquivo Nacional, em 2018, quando identificou a necessidade de propor outra disposição para o material, pois a catalogação anterior possuía lacunas. Assim, ele criou o inventário, como menciona em sua tese de doutorado (VINHAS, 2016, p. 86).

Os documentos que compõem o Fundo são bastante variados, incluem manuscritos, anotações pessoais, artigos, bilhetes, cartas, convites, ensaios, fichamentos de textos, memorandos, notas de pesquisa, recortes de jornais, artigos que a autora leu e trabalhos acadêmicos da própria autora durante sua Pós-Graduação e do Mestrado.

AS RAZÕES DO ENCONTRO: O LIVRO

Meu encontro com o arquivo de Beatriz não foi casual nem espontâneo, antes, foi um imperativo: fui convidada a participar do projeto para publicar o livro *Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola. Possibilidade nos dias de destruição*, que reúne textos,

ensaios, depoimentos, entrevistas. Feito de forma independente pela União dos Coletivos Pan-Africanos, a UCPA, que entre suas ações políticas desenvolve um trabalho de divulgação e estudo do pensamento de autores/as negros/as da África e sua Diáspora. A UCPA já havia lançado, no primeiro semestre daquele ano, o livro autoral de Lélia Gonzalez.

O livro é uma contribuição para a circulação da obra da autora entre as gerações negras mais jovens universitárias e/ou ativistas que não a conheciam. Vale mencionar que o aumento da presença negra nas universidades públicas nos últimos anos criou uma demanda por outras epistemologias, não eurocêntricas, e por um *corpus* autoral e teórico menos branco, ocidental e masculino.

Minha participação no projeto consistia em realizar a pesquisa no Arquivo, selecionar os textos e enviar aos editores. A partir daí se inicia minha relação com a historiadora. Cabe aqui fazer um parêntese e uma digressão a respeito de minha própria trajetória como pesquisadora, porque o acontecimento também se relaciona com Beatriz.

No mestrado, concluído em 2005, desenvolvi um estudo comparado sobre as trajetórias políticas e a produção autoral de Angela Y. Davis e Lélia A. Gonzalez. Era muito comum na época que quando as pessoas do movimento negro contassem histórias sobre Lélia, também comentassem a respeito de Beatriz, referindo-se ao papel pioneiro de ambas. Porém, havia sempre muita ênfase na partida trágica de Beatriz¹. Para mim, era sempre muito penoso ouvir aqueles relatos, o que, na época, permeou minha compreensão e recepção a respeito da autora, afastando-me de sua obra. (O que me faz

hoje ser bastante cuidadosa ao falar dela, reforçando sempre sua vida e não a sua passagem desditosa, insistindo na alegria que a caracterizou). Assim, quando fui convidada a participar do processo de publicação, tive que elaborar um novo olhar a respeito da historiadora.

AS SURPRESAS E DESCOBERTAS NO ARQUIVO

Conhecer seu arquivo foi o que me possibilitou estabelecer um vínculo com ela a partir do que nos unia: o ofício de historiadora. A princípio não foi um encontro fácil, tive dificuldade em compreender seu pensamento e proposições inovadoras.

Foi a imersão nos documentos que, gradualmente, me permitiu perceber como organizava seus estudos e pesquisas, como era seu processo de elaboração e argumentação. A partir de suas notas, em que comentava seus procedimentos, percebi como estruturava suas estratégias de pesquisa. Quando, por exemplo, as hipóteses iniciais não eram bem sucedidas, ela refazia o caminho da investigação.

Apreciei seu rigor e cuidado acadêmico, constatei quão meticulosa e cuidadosa era com suas análises, que era bastante estudiosa, disciplinada e

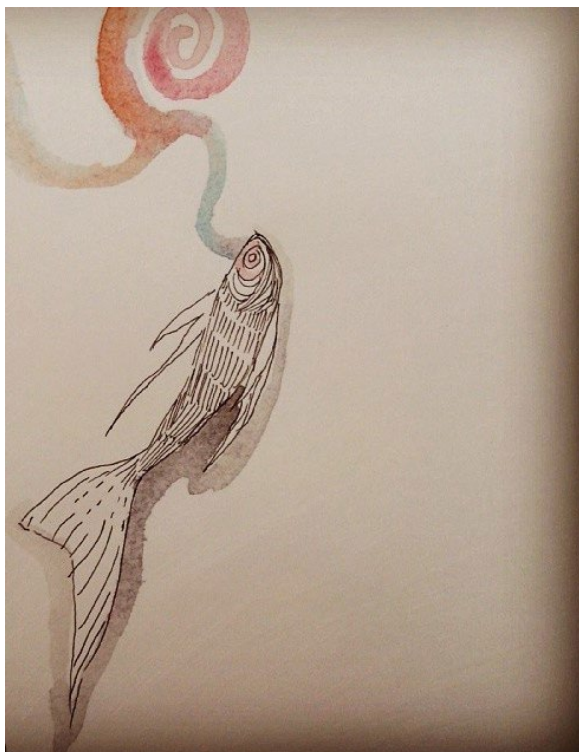
organizada. Para mim, foi um processo formativo, pois compartilhamos as preocupações da área com a historiografia e a metodologia. No transcurso do processo, lendo algumas de suas anotações pessoais, me senti mais próxima dela.

Realizei a pesquisa em um período particularmente difícil, o segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Era preciso não sucumbir à onda de desânimo, inércia e até mesmo medo daquele processo, daquele período, do resultado das eleições.

O arquivo de Beatriz foi, então, meu porto seguro, minha fonte de descobertas, conexões e esperança, onde pude compreender que o tempo não se restringe à lógica da racionalidade cartesiana, pois há um outro tempo, o da ancestralidade, que como o mar não cessa de seguir, voltar e se refazer. Ali tive a profunda compreensão da assertiva: os nossos passos, realmente, vêm de longe.

O texto é uma pequena homenagem a Beatriz Nascimento, que completou 25 anos de partida, em janeiro de 2020. Meu intuito é animar a outras pesquisadoras a investigarem mais a historiadora, mergulharem em seu arquivo, pois, sua produção intelectual, infelizmente, ainda não recebeu a atenção merecida nem o devido reconhecimento. ■

¹ No dia 28 de janeiro de 1995, ela estava em uma lanchonete em Botafogo, bairro da Zona sul do Rio, quando seu algoz lhe disparou. A *motivação do assassinato* era o fato de Beatriz aconselhar a uma amiga, vítima de violência doméstica, a abandonar o agressor, que acabou assassinando Beatriz. No fatídico dia, houve uma discussão, e o agressor se retirou do lugar e retornou com uma arma e disparou. Ela foi socorrida pelos bombeiros, porém não resistiu e chegou sem vida ao hospital.



Na água limpa demais não há peixe. Carolina Itzá

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. *Primaveras para as rosas negras, Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: UCPA, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual, possibilidade nos dias da destruição*. São Paulo: UCPA/Filhos da África, 2018.

VINHAS, Wagner Batista. *Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento*. Salvador, 2016. (Tese de doutorado) - Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia.